

## A HOMOTRANSFOBIA NO BRASIL: DA ESCOLA À SOCIEDADE

Enzo Paulo dos Santos Ribeiro <sup>1</sup>

Rodrigo de Souza Gomes <sup>2</sup>

Marjorie Bernardino <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Na atualidade, é notório que a homotransfobia é encontrada em diversos setores da sociedade brasileira, na qual; este preconceito está enraizado; produzindo e intensificando assim seus efeitos nas relações sociais brasileiras. Preconceito este; baseado no repúdio aos comportamentos contrários aos princípios da heteronormatividade; que é baseada em preceitos discriminatórios, como: machismo e o sexismo. (SILVA, 2017).

No século XXI, o conceito acerca da sexualidade é algo de diversas formas de entendimento, o que resulta em variadas maneiras para sua expressão. Por essa questão, tal possibilidade gera em alguns indivíduos medo/repulsa, dependendo assim de suas ideologias, crenças, ciclo social, etc (TORRES, 2017).

Analisando a influência direta que a socialização exerce no pensamento crítico de cada indivíduo, compreende-se a importância da relação família-escola-aluno, sendo definida como "aliança natural", sendo a mesma responsável pela formação de cidadãos capazes de conviver com as diferenças apresentadas por cada um. O ambiente escolar é um dos mais propícios a hostilidades quanto à segregação sobre a orientação sexual, sendo assim, torna-se de grande importância a inibição e a alteridade de atos segregacionistas e homofóbicos, no geral, cabíveis à escola e o lar de cada indivíduo, seguindo preceitos de respeito às diferenças de forma ética. Ambas vertentes devem atuar em coligação, ou seja, na ausência/falha de uma, a outra deve estar pronta para agir. (SILVA, 2017).

Diante do exposto, o presente artigo possui o viés demonstrar, partindo de revisão bibliográfica, a realidade brasileira quanto a LGBTfobia, buscando identificar os riscos de determinados posicionamentos preconceituosos dentro da sociedade e como os mesmos reflete, dentro do âmbito educacional, à procura de compreender a divergência entre cidadãos dentre seus atos, de modo que o respeito possa compor um intermédio social, visto que a cada 19 horas no Brasil, temos um caso de assassinato de um integrante da Comunidade LGBTQI+, alocando assim o 1º lugar no ranking mundial de crimes contra as minorias sexuais.

### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo tem por base a pesquisa qualitativa, de natureza aplicada com o objetivo exploratório utilizando o procedimento de levante bibliográfico, para que assim possam acentuar-se conceitos e teorias acerca da comunidade LGBTQI+ no Brasil, enfocando suas origens e atual contexto sócio-político.

A pesquisa qualitativa aborda de forma direcionada o estudo acerca da temática, não enfocando em enumerar ou mensurar eventos, sendo seu foco magma amplo e buscando uma perspectiva diferenciada da qual é adotada pelas pesquisas quantitativas. Partindo de

---

<sup>1</sup> Estudante do Ensino Médio no Colégio Gutenberg, Mogi das Cruzes – SP, enzo.paulo@hotmail.com

<sup>2</sup> Estudante do Ensino Médio no Colégio Gutenberg, Mogi das Cruzes – SP, roh67@outlook.com

<sup>3</sup> Mestre em Políticas Públicas na Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes – SP, marjoriecruz@outlook.com

determinada tipologia, a mesma realiza a obtenção de dados descritivos procedentes da revisão bibliográfica (GERHARDT, 2009).

A pesquisa aplicada tem por intuito gerar conhecimentos à solução de problemas específicos, englobando verdades e interesses locais (GERHARDT, 2009).

Já a pesquisa exploratória, é muito utilizada quando há pouco conhecimento sobre a temática, com base nesse tipo de pesquisa é realizada uma busca aprofundada do conteúdo de modo que possa torná-lo mais claro. Consiste ainda, no desenvolvimento de conceitos preliminares, contribuindo assim para o esclarecimento de questões superficiais sobre o tema (RAUPP, 2006).

O procedimento de levante bibliográfico é realizado partindo do levante de referências teóricas já analisadas, com o intuito de embasar de forma teórica, um determinado assunto que esteja atuando como problemática, com a finalidade de buscar respostas prévias sobre um determinado problema (FONSECA, 2002, p. 32).

## DESENVOLVIMENTO

O meio educacional brasileiro foi formulado partindo de presunções de um conjunto de valores, normas e crenças de caracterização apática para com o outro, visto que em elaboração arcaica, o ambiente estudantil não foi formulado pensando nas divergências de classe, sexualidade, etc. O que enquadrou, em sua maior parte, um eixo sexista, racista, homotransfóbico e por último, configurando uma heteronormatividade para normas de gênero, que são bases do "dimorfismo sexual". Em um ambiente de aprendizado, o heterossexismo e a homotransfobia atuam instaurando um regime de controle de conduta sexual e também de expressões das identidades de gênero (JUNQUEIRA, 2015).

Atualmente é notória que a homotransfobia possui influência direta nas relações sociais, a qual parte do conceito de socialização. Socializar é o ato de inserir-se ou ser inserido em um meio de convivência social, tornando-se assim, membro dele. De acordo com (BERGER E LUCKMANN, 1973) citado por (RIBEIRO; *et al*, 2015) existem dois tipos de socialização, a primária que é a primeira socialização a qual todos estão submetidos e a responsável pela inserção do indivíduo na sociedade. E é por parte dos responsáveis e familiares, que as crianças adquirem os primeiros conceitos acerca de "feio" e "bonito", entre outros.

Dentro desta socialização que os valores morais, religiosos e de convivência são transmitidos, sendo eles de suma relevância na formação de ideologias julgadoras do meio social no indivíduo. Já a socialização secundária ocorre quando a criança sai do lar, um ciclo de formas, geralmente semelhantes de pensamentos, partindo então, principalmente, ao ambiente estudantil, na qual depara-se com diferentes influências da socialização primária em vários indivíduos, sendo à partir de determinada socialização que o indivíduo passa a organizar e selecionar os valores primários, juntos ao secundários e passa a formar seu próprio pensamento crítico (RIBEIRO, *et al*, 2015).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, constata-se que o Brasil possui em torno de 40% de agressões sofridas por homossexuais são no ambiente escolar. Sabe-se que o bullying por homofobia provoca a redução da frequência escolar, abandono escolar precoce, além de ocasionar efeitos adversos na saúde mental e psicológica dos jovens, aumentando os índices de depressão, ansiedade e distúrbios do sono o que afeta diretamente na educação, aumentando a propensão dos estudantes cometerem suicídio de formas gerais. Ainda convém ressaltar que os episódios de bullying homotransfóbicos são majoritariamente acometidos por alunos com insucesso escolar e com baixo rendimento escolar. (ALMEIDA, *et al*, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 1992 aparece na mídia, a expressão “homofobia”, apresentada numa matéria do jornal O Globo, tratando acerca do “horror ao homossexual”, sendo na segunda metade dos anos 90 lançada e divulgada dados estatísticos, levantados pelo GGB e pelo Grupo Atobá, que evidenciam o crescente aumento de novos casos de assassinatos a homossexuais (LACERDA 2006, p. 107).

No Brasil temos como estopim central o assassinato do homossexual e diretor teatral Luiz Antônio Martinez Correa, no Rio de Janeiro, no qual os jornais passaram a utilizar a expressão “assassinatos de homossexuais” para polemizar negativamente um novo caráter tipológico de crime, no qual ainda diversos artistas passaram a atuar como porta-vozes dos homossexuais com o objetivo de destacar casos de pouco interesse para investigação policial (CARRARA e RAMOS, 2006).

No Brasil, o suicídio é a 4ª principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos, segundo pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde. Os gays, lésbicas e bissexuais, devido a homofobia, possuem seis vezes mais chances de tirar a própria vida, em relação à heterossexuais, com um risco de 20% maior quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual (GGB, 2017).

Segundo Louro (2003, p.24): "Matam-se mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBTs".

[...] de 26 suicídios registrados em 2016, aumentou para 58 casos em 2017 e nesse último ano subiu para 100 (23,8%) dos casos documentadas, significando um aumento de 42% em relação a 2017 de mortes voluntárias, acompanhando o mesmo crescimento nacional, registrando o Brasil 11 mil mortes em 2018, 31 casos por dia. A média global mundial de suicídios entre os homens é de 5\100 mil habitantes e 8 entre as mulheres. No Brasil, a taxa total é de 6,3/100 mil. Enquanto nos países mais desenvolvidos utiliza-se, sobretudo arma de fogo para tirar a vida, nos países do terceiro mundo predomina o uso de enforcamento e venenos (GGB, 2018).

Os crimes contra as minorias sexuais majoritariamente são ocasionados durante a noite ou madrugada, em lugares remotos ou até mesmo dentro de residências, dificultando assim a identificação dos autores dos atos. Nos poucos casos em que há testemunhas, as mesmas recusam-se a depor, devido ao preconceito anti-LGBT. Autoridades da lei, manifestam sua homotransfobia ignorando determinados crimes, negando muitas das vezes sem que haja justificativas plausíveis à sua conotação homofóbica (GGB, 2018).

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais possui um planejamento em dossiê na qual possui como intuito denunciar a omissão do Estado frente à julgamentos de dados das atrocidades cometidas, na qual os mesmos ignoram os índices alarmantes, e a própria violência com as quais os crimes acontecem, e por mais que o Governo Federal tenha imposto como crime de racismo a homofobia, partindo de uma polarização de “guerra de cultura” conforme julgou o STF, o mesmo ignora ainda as pesquisas e denúncias feitas pelas instituições que lutam pelos direitos humanos e da população LGBTQI+; e não promovem ações de combate a violência praticada contra a Comunidade (ANTRA, 2018).

Não basta somente que sejam impostas medidas que vão criminalizar ações, deve-se realmente conscientizar sobre a existência de diferenças, e como conviver com as diversas formas de pensamentos e condutas existentes em pleno século XXI. A partir dos resultados encontrados na comparação do tempo de ambos os meios, o que ficou evidenciado é que a sociedade ainda carece em socialização de integração, dificultando assim as relações sociais perante as diferenças entre indivíduos de uma mesma sociedade, sendo majoritariamente partido do meio educacional, o que influencia para diversas doenças psicológicas futuras e

assim como ocasiona um déficit na eficiência educacional, uma vez que deixa de formar cidadãos íntegros das diferenças de uma sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante todos os dados bibliográficos destacados no decorrer deste artigo, imprime-se a compreensão de que, a sociedade passou a aprimorar-se tecnicamente e tecnologicamente, esquecendo das raízes da socialização, na qual compreender as diferenças entre diversos indivíduos que convivem em sociedade, tornou-se mais complicado do que realizar uma programação de um software tecnológico dos tempos modernos.

Atualmente, não seria coeso afirmar que a homotransfobia regrediu na nação brasileira, uma vez que em análise, a prática da mesma somente alterou sua forma, porém continua expressiva na sociedade, uma vez que o Estado, ao invés de condenar os atuantes da prática discriminatória, age de forma omissa e muita das vezes, passiva.

A homotransfobia é algo constituído desde sua socialização primária, uma influência que muitas vezes vem do próprio lar na qual o indivíduo insere-se, outras vezes é um ensinamento adquirido na sua socialização secundária, expressa majoritariamente em ambiente estudantil, no qual, muitas vezes na tentativa de inserir-se num ciclo social, o indivíduo passa a “adquirir” atos discriminatórios.

A homotransfobia, atualmente, encontra-se inserida nos mais diversos cenários, desde o meio estudantil, até o mercado de trabalho, o que causa extrema preocupação acerca do pensamento crítico brasileiro, uma vez que até mesmo o próprio Judiciário age de forma omissa frente aos levantes de diversas denúncias e casos que abrangem a comunidade LGBTQI+. Aludindo ao criador do Grupo Gay da Bahia, um dos mais expressivos atualmente, Luiz Mott, posiciona-se de maneira simples e concreta, acerca da erradicação da homotransfobia, na qual, parte de preceitos que deveriam ser ensinados desde a socialização primária, que consiste na orientação sexual, compreensão e transmissão de conhecimento acerca dos direitos humanos, entre outros, por exemplo, a elaboração de leis voltada aos LGBTQI+.

O Brasil, assume a 1ª colocação no ranking de homotransfobia, o que não torna mais alarmante que os demais países. Não é somente uma morte direta que assombra a Comunidade, e sim também às altas taxas de suicídios, que é a segunda causa de morte, sendo os mesmos estimulados por diversos fatores que se baseiam desde o Bullying e suas vertentes, até mesmo agressões físicas que causam não só danos físicos, mas sim impactos psicológicos muitas das vezes, irreversíveis.

Uma compreensão do passado histórico do surgimento incerto da relação homo afetiva, com dados demonstrados por fontes como GGB e uma alusão da atual situação da Comunidade na contemporaneidade, foi efetuada, para embasar um preconceito que encontra-se enraizado no Brasil, e assim, numa tentativa de evidenciar que enquanto houver discriminação, enquanto houver padronização à um sentimento, o ser humano estará tentando padronizar o ser humano, assim como programa suas tecnologias, mas um sentimento padronizado nunca será sentido, então uma compreensão de que o conceito de heteronormatividade, na atualidade, não é algo viável, uma vez que pressupõe o avanço intelectual dos seres com o tempo, uma padronização dos seres nada mais é do que uma trava no tempo para que possamos progredir.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade; Homofobia; Homossexualidade; LGBTfobia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hélien Rimet Alves de; MAIA, Luciana Maria; CHAVES, Hamilton Viana. Homofobia na Escola: algumas posições assumidas por instituições de Psicologia no Brasil.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Revista **Psicologia Política**, v. 16, n. 35, p. 71-85, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2016000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100005)> Acesso em: 22 de julho de 2019.

**ANTRA, ASSASSINATOS E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BRASIL EM 2018.** Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-peopleas-trans-em-2018.pdf>> Acesso em: 22 de julho de 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <<https://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf>> Acesso em: 09 de julho de 2019.

GERHARDT, Tatiana Enge, et al, **Métodos de Pesquisa**, 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 09 de julho de 2019.

GGB. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2016.** Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/>> Acesso em: 15 julho. 2019.

GGB. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2018.** Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>> Acesso em: 15 julho. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar.** 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131962/Pedagogia-do-armario-Richard-Miskolci-e-Larissa-Pelúcio-Orgs.-Discursos-Fora-da-Ordem-Sexualidades-Saberes-e-Direitos.pdf?sequence=1>> Acesso em: 23 de abril de 2019.

LACERDA, Paula. **O drama encenado: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca.** 2006. 127 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Acesso: 25 de julho de 2019.

RAMOS, S.; CARRARA, S. **A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas.** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 16, p. 185–205, 2006. ISSN: 0103-7331, 0103-7331, 1809-4481. Disponível em: <[https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312006000200004](https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200004)> Acesso: 25 de julho de 2019.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências.** Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia\\_de\\_pesquisa\\_aplicavel\\_as\\_ciencias\\_sociais.pdf?response-content-](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf?response-content-)

disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia\_de\_pesquisa\_aplicavel\_as\_cie.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190726%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\_request&X-Amz-Date=20190726T202218Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=d2c6c62832349d625bc403f515ad2adcb935bd077de1710ab8499daeb3576c76>  
Acesso em: 22 de março de 2019.

RIBEIRO, Priscila Teixeira; CAMPOS, NILCE MARIA AS DE A. Processos de socialização da criança: **algumas considerações teóricas**. 2015. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/9mostra/4/551.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

SILVA, Pedro. Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro sobre o caso português. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, 2017. Disponível em: <<https://pentaho.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2299>> Acesso em: 15 de abril de 2019.

SILVA, RAFAEL ARCANGELO DA. **Homofobia**. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/15532/1/RAFAEL%20ARCANGELO%20DA%20SILVA.pdf>> Acesso em: 22 de abril de 2019.

TORRES, Marco Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Autêntica, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=7JwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=LGBT+surgimento>> Acesso em: 22 de abril de 2019.